

Teologia e Ciências Sociais

Orivaldo Pimentel Lopes Júnior

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Aloysio Bohnen, SJ

Vice-reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Diretora adjunta

Hiliana Reis

Gerente administrativo

Jacinto Schneider

Cadernos Teologia Pública

Ano 2 – Nº 13 – 2005

ISSN 1807-0590

Responsável técnica

Cleusa Maria Andreatta

Revisão

Mardilê Friedrich Fabre

Secretaria

Caren Joana Sbabo

Editoração eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

Profa. Esp. Águeda Bichels – Unisinos

Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Dármis Corbellini – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Prof. MS Laurício Neumann – Unisinos

MS Rosa Maria Serra Bavaresco – Unisinos

Esp. Susana Rocca – Unisinos

Profa. MS Vera Regina Schmitz – Unisinos

Conselho técnico-científico

Profa. Dra. Edla Eggert – Unisinos – Doutora em Teologia

Prof. Dr. Faustino Teixeira – UFJF-MG – Doutor em Teologia

Prof. Dr. José Roque Junges, SJ – Unisinos – Doutor em Teologia

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin – PUCRS – Doutor em Teologia

Profa. Dra. Maria Clara Bingemer – PUC-Rio – Doutora em Teologia

Profa. MS Maria Helena Morra – PUC Minas – Mestre em Teologia

Profa. Dra. Maria Inês de Castro Millen – CES/ITASA-MG – Doutora em Teologia

Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner – EST-RS – Doutor em Teologia

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.5908223 – Fax: 51.5908467

www.unisinos.br/ihu

Cadernos Teologia Pública

A publicação dos Cadernos Teologia Pública quer ser uma contribuição para a relevância pública da teologia. A teologia como função do reino de Deus no mundo se desenvolve na esfera pública como teologia pública. Ela participa da vida pública da sociedade com a qual se compromete crítica e profeticamente, na perspectiva do reino de Deus que vem. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, especialmente, a exclusão socioeconômica de imensas camadas da população, no diálogo com as diferentes

concepções de mundo e as religiões, constituem o horizonte da teologia pública. Os Cadernos Teologia Pública, sob a responsabilidade do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, se inscrevem nesta perspectiva. Eles são fruto da realização do *Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI*, ocorrido, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, de 24 a 27 de maio de 2004, celebrando a memória do nascimento de Karl Rahner, importante teólogo alemão do século XX.

Teologia e Ciências Sociais¹

Orivaldo Pimentel Lopes Júnior

Teologia deveria ser, não uma doutrina imutável, mas uma ciência descrevendo a interpretação do espiritual e do concreto. (SWATOS, 1987:VIII)

A relação do cristianismo com o mundo intelectual sempre foi uma fonte de dinamização de sua reflexão teológica. Durante a Idade Média, a relação com a Filosofia clássica foi tão presente na Teologia que, em determinados momentos, como na Escolástica, chegaram a se confundir. O contato com as novas correntes filosófi-

cas da Modernidade também foi enriquecedor para a Teologia Cristã, apesar do espírito anti-religioso de algumas dessas correntes. A interfertilização continua até o presente e, pelo que tudo indica, sempre há de ocorrer, pois dialogar com a filosofia é parte constituinte da Teologia Cristã².

-
- 1 Este texto foi apresentado em minicurso realizado no *Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI*, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, RS, 27 de maio de 2004.
 - 2 Por exemplo, a expansão da Filosofia da Ciência no século XX provocou trabalhos interessantes em Teologia, como o de PANNENBERG, Wolfhart: *Theology and the Philosophy of Science*. Philadelphia: Westminster, 1976. Ver também PANNENBERG, W. *Anthropology in Theological Perspective*. Philadelphia: Westminster, 1985; e ainda FIERRO, Alfredo. Comprensión y explicación del hecho religioso, In: CAFFARENA et MARDONES (org.) *Cuestiones Epistemológicas*. Madrid: Anthropos, 1993. p. 75-7.

A relação da Teologia com as ciências em geral e as Ciências Sociais em particular, já não é tão “natural”. A Teologia pode ou não estabelecer contato com as ciências; pode escolher com que ciência vai dialogar e até decidir qual o grau desse envolvimento. Essa relação, muitas vezes, é fonte de conflitos, desorganizações e reorganizações. É o caso da relação da Teologia com a Biologia evolucionista: gerou inicialmente uma crise, provocou distanciamentos hostis e amargurados de ambas as partes, mas, posteriormente, abriu novas possibilidades para o pensamento teológico, como ilustra a obra de Teilhard de Chardin e de J. Wentzel Van Huyssteen³.

Uma das descobertas da teoria da evolução é a de que todos os seres vivos co-evoluem, isto é, “que tanto o cavalo como a erva estão evoluindo juntos para criar certa constância, certo estado de equilíbrio, um estado estável (esse é um termo técnico) no qual podemos operar” (Bateson, 1993: 354)⁴. As implicações disso para a Teologia são significativas. Em primeiro lugar, a compreen-

são de Deus evoluiu junto com o ser humano, havendo, portanto, um sentido teológico para a evolução; daí, em segundo lugar, que todas as coisas compartilham com o ser humano e sua compreensão de Deus, de uma sacralidade a ser respeitada e preservada⁵. Finalmente, isso traz uma implicação crítica à pretensa certeza acerca do dualismo entre cultura e natureza.

Apesar dessas eventuais aproximações, ilustradas acima, entre Teologia e Ciência, a efetiva aproximação é, geralmente, marcada por tensões de ambas as partes. Existem cientistas, ciosos de seu suposto monopólio da razão que, geralmente, trabalhando num registro positivista, rejeitam tudo que receba o título de Teologia. Para esses, o distanciamento da Teologia é critério fundamental de cientificidade. No entanto, apesar de pessoalmente afastado da Teologia, o produto de seu trabalho intelectual pode vir a ter um papel-chave em determinadas correntes teológicas. É o caso do próprio Positivismo Comteano, que influenciou a Teologia norte-americana atra-

3 O primeiro é um teólogo católico, e o segundo está mais alinhado com o protestantismo tradicional. No meio evangélico, ainda não se desenvolveu uma teologia que lide positivamente com o evolucionismo por conta do patrulhamento fundamentalista.

4 Ver também o conceito de “desenvolvimento histórico das estruturas adequadas” em MATURANA et VARELLA, 1995, p. 252.

5 Descrita por Teilhard de Chardin nos seguintes termos: “Temos que aceitar o que a ciência nos diz, isto é, que o homem nasceu da terra. Porém, mais lógicos que os sábios que nos falam, temos que ir até o fim da lição, ou seja, aceitar que o homem tenha nascido, por inteiro, do mundo; não somente seus ossos (...), mas sua incrível capacidade de pensar. Consideremo-lo, sem minimizá-lo, como um Fenômeno” (1968, p. 46).

vés da sociologia funcionalista. Mesmo o marxismo sempre teve um forte apelo teológico, influenciando correntes teológicas de destaque, como o Evangelho Social e a Teologia da Libertação. Tentativas de “proteger as fronteiras” no âmbito científico por meio de demarcações e rupturas, como ilustram os exemplos acima, acabam resultando inócuas.

Um outro receio da parte dos cientistas é de que a ciência praticada por teólogos seria demasiadamente elementar e amadorística, levando, conseqüentemente, a distorções. Este é um risco que toda transdisciplinaridade carrega, e não um privilégio da Teologia. Esta crítica poderia ser feita também ao cientista social que tentasse fazer teologia amadoristicamente. Isso, no entanto, não pode ser motivação para a especialização exagerada que tem produzido o paradoxo do desconhecimento no acúmulo dos detalhes e na pobreza das trocas transdisciplinares.

O receio de que um movimento de aproximação com outras disciplinas possa tornar a Teologia um empreendimento puramente imanente é expresso no texto a seguir:

O teólogo interdisciplinar precisa investir alguma energia na reflexão do que está fazendo ao usar outra disci-

plina: será uma simples questão de empréstimo de termos e de idéias? Ou é uma questão de adoção integral de outra lógica e linguagem, na qual a própria Teologia, com suas referências revelacional e transcendental, tornar-se-ia imanente? (...) Para que o espaço da interdisciplinaridade possa se desenvolver e oferecer percepções para a Igreja deve ser dada atenção a aspectos básicos como esses para que um fundamento apropriado possa ser estabelecido em futuros trabalhos (GILL, 1996, p. 423).

Como se pode ver, do lado da Teologia existem receios e resistências quanto à aproximação com a ciência. Alguns teólogos, de perfil, fundamentalistas, rejeitam por completo tal aproximação, embora, na prática, isso seja muito difícil, pois qualquer teologia é feita num ambiente cultural e praticamente não há ambiente cultural contemporâneo que não tenha sido influenciado pela ciência e pela racionalidade moderna.

Já outros teólogos receiam que a aproximação com as Ciências Sociais faça com que a Teologia perca o seu lugar diante de explicações que se chocam, como, por exemplo, a Sociologia do Conhecimento com sua explicação imanentista da formação do “dosel sagrado” (cf. Berger) como um processo puramente ideológico.

John Milbank, por exemplo, considera as explicações da Sociologia da Religião como “policadoras do sublime”.⁶ Certamente, nem todos os estudos da religião adotam uma postura reducionista e policialesca. Os chamados “estudos religionistas”, na tradição de Rudolf Otto e Mircea Eliade, procuram superar essa tendência comum nas Ciências Sociais. A crítica de Milbank precisa ser qualificada. Se adotarmos a distinção entre estudos religionistas e estudos socioantropológicos da religião, a referência seria mais apropriada ao segundo caso.

Milbank opta por rejeitar a Sociologia da Religião como disciplina boa para o diálogo. Para ele, esta disciplina deveria chegar a um fim ou, se for para continuar, “deveria definir-se como uma fé”⁷. Desse modo, acrescenta Milbank, depois de anos sendo auxiliados por filósofos e cientistas sociais, os teólogos poderiam virar a mesa e desmascarar essa compreensão secular da religião, como sendo ela mesma, uma forma de teologia secular (GILL, 1996, p. 22).

O problema com esta postura é que ela confunde Teologia com teoria social e nega, com isso, a interação

entre ciência e religião. Não há como evitar completamente os riscos inerentes à interação e à interdisciplinaridade, mas isso não é motivo para receios paralisantes. Medo, mais do que receio, é fruto de experiências históricas difíceis, mas, na medida em que as identidades não se confundem e são auto-afirmadas, novas possibilidades intelectuais se abrem.

Tomando para efeito de análise, os dois grandes ramos da Teologia Cristã, isto é, a Teologia Sistemática e a Bíblica, vejamos como tem se operado, explicita ou implicitamente, a interação entre a Teologia e as Ciências Sociais. A Teologia Sistemática se propõe a organizar os princípios e crenças cristãs numa ordem previamente estabelecida, dando respostas a certas perguntas básicas. A Teologia Bíblica, ou mais precisamente “Teologia da Bíblia”, é a que propõe uma visão das escrituras, fonte básica do pensamento cristão. Como as escrituras foram produzidas num contexto social e tiveram com esse contexto uma relação de troca, a compreensão antropossociológica das sociedades e comunidades onde foram produzidas as escrituras, tem uma importância considerável para a hermenêutica bíblica e, conseqüentemente, para a

6 MILBANK, *Theology and Social Theory*. Oxford: Blackwell, 1990 (Transcrito em GILL, 1996, p. 22).

7 P. 139 do livro original e 22 de GILL, 1996.

Teologia. Como veremos, as Ciências Sociais desempenham funções diferentes nos dois ramos.

Teologia Sistemática

A filosofia e a ciência têm, na Teologia Sistemática, um papel mais destacado do que na Bíblica, pois são elas que ajudam a elaborar a lista dos temas incluídos, e por isso funcionam como provocadoras e questionadoras, como verdadeiras interlocutoras permanentes no que fazer teológico. A Teologia Sistemática inclui as questões práticas internas (o funcionamento eclesial) e externas (a relação com o mundo exterior). Este sub-ramo da Teologia Sistemática é conhecido como Teologia Aplicada ou Pastoral.

Num livro escrito em 1936⁸, James Dombrowski traçou, com detalhes, a relação entre o *Evangelho Social* – que era um movimento principalmente teológico – com o alvorecer da Sociologia na América do Norte. Dombrowski destacou o papel dos seminários protestantes na difusão das Ciências Sociais na América do Norte. Ele dá

o exemplo de Graham Taylor, que foi professor no Hartford Theological Seminary, em 1888, depois de pastorear por quatro anos uma igreja congregacional num ambiente urbano cheio de dificuldades. “Após quatro anos em Hartford, ele aceitou o convite do Seminário Teológico de Chicago como professor de Sociologia Cristã” (DOMBROWSKI, 1936, p. 71). No mesmo ano em que Graham chegou à Universidade de Chicago (1893), Albion Small fundava o departamento de Sociologia naquela universidade. Essa proximidade dos seminários protestantes norte-americanos com a Sociologia continuou durante muitos anos⁹.

A atividade sociológica desenvolvida nesse período nos Estados Unidos não se destacou em qualidade: não foram produzidos trabalhos de peso nem surgiram teólogos de renome. De igual forma, a Sociologia praticada no âmbito da Teologia estava muito atrelada a levantamentos estatísticos, e as análises eram pobres de teoria. A proximidade da Sociologia com o positivismo e o funcionalismo e a exagerada dependência das instituições religiosas são alguns dos fatores que podem ser apontados para esta pouca profundidade. Não pode ser

8 *The Early days of Christian Socialism in America*. New York: Columbia University Press, 1936.

9 No livro que traça a história da pesquisa sociológica no Seminário Teológico Garrett entre 1929-72, encontramos detalhes sobre a efervescência das pesquisas na década de 1930 (GARRETT, 1972, p. 22 et seq.).

negligenciada, também, a predominância do pragmatismo no cenário acadêmico norte-americano. Todos estes fatores, e ainda outros, operam num complexo de causas e efeitos.

Por conta disso, citamos como exemplo Dietrich Bonhoeffer, um teólogo que teve com as Ciências Sociais uma relação de maior proximidade, que não é norte-americano, mas europeu. Poderiam ser citados alguns norte-americanos, como os irmãos Richard e Reinhold Niebuhr, que foram influenciados pelos teólogos e sociólogos europeus, como Ernest Troeltsch, Max Weber e Adolf Harnach¹⁰. O papel de Richard Niebuhr sobre o pensamento teológico e sociológico norte-americano é notável. Também poderia ser citada a escola teológica conhecida como “A Morte de Deus”, que pregava uma secularização radical da fé, que incluía simpatizantes como Harney Cox¹¹ e que teve influência sobre cientistas sociais como Peter Berger.

Tomaremos, no entanto, como referência, as idéias de Dietrich Bonhoeffer, que teve uma influência considerável no pensamento teológico mundial “e de modo especial entre os evangélicos”. Bonhoeffer nasceu no dia 4 de fevereiro de 1906, em Breslau e morreu num campo de concentração, no dia 9 de abril de 1945, condenado por ter participado do movimento de resistência alemã aos nazistas. Iniciou aos 17 anos seus estudos teológicos, incentivado por seu professor Adolf Harnach e, sob a orientação de Reinhold Seeberg, escreveu sua tese doutoral aos 21 anos com o título *Sanctorum Communio: Uma Investigação Dogmática sobre a Sociologia da Igreja*¹². As influências mais imediatas na redação de seu trabalho foram as de Ernest Troeltsch, como historiador social da Igreja e companheiro intelectual de Max Weber, e de Karl Barth, o teólogo alemão que revolucionou a Teologia no século XX, ao reafirmar o que hoje chamaríamos de “o específico religioso”¹³.

A preocupação com a estrutura comunitário-social da Igreja acompanhou Bonhoeffer por toda sua vida e re-

10 NIEBUHR, H. Richard. *As Origens Sociais das Denominações Cristãs*. São Paulo: ASTE, 1992. p. 9.

11 COX, H. *The Secular City*. New York: Macmillan, 1965.

12 BONHOEFFER, Dietrich. *Sociologia de la Iglesia: Sanctorum Communio*. Traduzido por A. Saenz e N. Fernandes Marcos. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1969.

13 BETHGE, Eberhard. *Dietrich Bonhoeffer*. London: Harpes e Row, 1977. ROBERTSON, E. H. *Dietrich Bonhoeffer: Introducción a su Pensamiento Teológico*. Barcelona: Editorial Mundo Hispano, 1975.

fletiu-se em todas as suas obras. Para sua tese, ele seguiu o pensamento sociológico de Ferdinand Tönnies e Georg Simmel, apesar da proximidade com Max Weber através de Troeltsch. Desse modo, ateu-se ao formalismo desses autores (da escola chamada de “Sociologia Sistemática”) com prejuízo para a observação empírica. Essa era a sociologia alemã que mais se prestava aos interesses teológicos de Bonhoeffer por fazer a distinção entre *Gemeinschaft-Gesellschaft* (Tönnies). Faltava a esta postura uma ligação dialógica, “ou seja, de maneira simultaneamente complementar, concorrente e antagonista” entre sociedade e comunidade (MORIN, 1994, p. 95), e isso teve implicações nas conclusões teológicas do trabalho de Bonhoeffer.

A proximidade com a Teologia de Karl Barth marcou o pensamento de Bonhoeffer. Clare Watkins, ao comparar o pensamento dos dois teólogos, comenta que “a eclesiologia de Barth encorajava percepções da Igreja por parte das Ciências Sociais, mas permanecia mais Teologia do que algum tipo de sociologia” (GILL, 1996, p. 413). Bonhoeffer adota este tipo de eclesiologia sacramental que, na opinião de Peter Berger, acaba por “usurpar a Sociologia pela Teologia”¹⁴.

Para Berger, a obra de Bonhoeffer poderia “prover os fundamentos para o diálogo entre Teologia e Ciências Sociais” (BERGER, 1962, p. 55), que estava estagnado naqueles dias, no meio teológico norte-americano, devido à reação neo-ortodoxa ao liberalismo clássico representado pelo *Social Gospel* e que tomava a Sociologia como seu braço secular.

Só nos anos 1950 é que Bonhoeffer começou a ser valorizado nos Estados Unidos, após a publicação póstuma de alguns de seus trabalhos. A falha na abordagem de Bonhoeffer, segundo Berger, estava em ter feito dialogar, não a Sociologia francesa de Émile Durkheim ou a Sociologia histórica de Weber, mas a Filosofia Social de Tönnies e Georg Simmel com a Teologia dogmática: “ambas operando em níveis de abstração seguramente distantes da aspereza dos dados empíricos” (BERGER, 1962, p. 59).

Devido a esta fraqueza teórica e empírica no campo da sociologia, o trabalho de Bonhoeffer não se constituiu, para Berger, “num ponto de partida promissor no muitíssimo necessário diálogo entre Teologia e as Ciências Sociais” (Idem, p. 76). Mesmo assim, Berger aponta

14 In: BERGER, Peter. *The Social Character of the Question Concerning Jesus Christ: Sociology and Ecclesiology*. In: MARTY, Martin E. *The place of Bonhoeffer: problems and possibilities in his thought*. New York: Association Press, 1962. Citações, para efeitos bibliográficos, como BERGER, 1962.

para três questões “especialmente relevantes em termos de uma possível contribuição da Sociologia à eclesiologia” (p. 77 a 79): 1 – não é possível fazer Sociologia das instituições, abstraindo-as do processo humano no qual elas são constituídas; 2 – dar status ontológico a organizações sociais tem conseqüências ideologicamente conservadoras; 3. dados empíricos levam a questionamentos incisivos para a Teologia, por isso ela tem muito que se beneficiar ao observar as análises da Sociologia da Religião, pois provocariam uma enriquecedora dialética entre o que se vê e o que se crê na concepção de Igreja. E conclui: “poderiam sustentar que uma sociologia weberiana seria o mais recomendável para tal empreendimento”.

Em prol de Bonhoeffer, poderíamos lembrar que ele não se propôs a entender a Igreja sociologicamente, mas ele toma a Sociologia como ponto de partida e de incentivo para uma eclesiologia que seja a “Teologia da socialidade humana” (GILL, 1996, p. 412). Nesse sentido, a Sociologia desempenha um papel seminal nas reflexões teológicas que poderiam ser ampliadas posteriormente, mediante pesquisas empíricas mais específicas.

Bonhoeffer ainda era um adolescente quando lidou com todas essas questões, no ambiente denso da produção intelectual de Berlim dos anos 1920. A pouca experiência do mundo eclesiástico impediu-lhe maiores

arroubos descritivos, mas a disposição de enxergar a igreja e a sociedade por um prisma científico deixou marcas profundas em sua vida. Na coleção de suas *Cartas da Prisão*, sua última obra, ainda percebemos os efeitos desta abordagem. Foi nestes escritos da prisão que Bonhoeffer traçou os esboços de uma proposta não-religiosa de cristianismo. Disse ele numa de suas cartas:

Um dia há de chegar em que os homens novamente serão chamados a proferir a Palavra de Deus, de tal maneira que o mundo, sob sua influência, se transforme e renove. Será uma linguagem nova, talvez completamente arreligiosa, mas será uma linguagem libertadora e redentora como a fala de Jesus. Então os homens hão de se espantar com ela, mas, mesmo assim, serão dominados por seu poder. Será a linguagem de uma nova justiça e verdade, a linguagem que anuncia a paz de Deus com os homens e a proximidade de seu Reino. (BONHOEFFER, D. *Resistência e Submissão*. São Paulo: Paz e Terra, 1990. p. 149).

A expectativa de Bonhoeffer teve ressonâncias por toda a parte. No Terceiro Mundo, a Teologia da Libertação surgiu como a busca por perceber o sagrado na história e entre os mais desfavorecidos, novamente a Sociologia é retomada, não mais como “braço secular” da ação da Igreja no mundo da pobreza, tal qual a proposta do

Evangelho Social, mas como instrumento de escuta e de auto-análise, de crítica e de autocrítica.

Alguns tópicos freqüentemente aparecem na lista da agenda antropto-teológico-social do protestantismo do século XX. André Droogers, por exemplo, sociólogo e professor da Faculdade Luterana de Teologia de São Leopoldo, aponta para a possibilidade de um diálogo inter-religioso, mediado pelas Ciências Sociais da religião (Droogers, 1984, p. 89 et seq.). Esse é um item que ocupa um lugar de destaque desde o século XIX, quando se iniciaram os estudos de religião comparada. A Teologia tem muitas razões para demonstrar e cultivar um vivo interesse nos resultados dos estudos de outras religiões. No meio religioso fundamentalista, o mesmo empenho investigativo de outras religiões teve um resultado diferente: o conhecimento acumulado serviu, não para o diálogo, mas para o combate às “seitas” e às “heresias”.

Ligado a este tópico está o estudo dos ritos religiosos. Diferentes grupos denominacionais desenvolveram diferentes ritos na mesma religião. Isso gera tensões entre os defensores das manifestações populares de piedade com a ortodoxia oficial. Esse é um problema tipicamente cristão que reflete sua imensa plasticidade cultural. Nos dois mil anos de história do cristianismo, ele soube se adaptar como nenhuma outra reli-

gião universal aos mais diversos contextos. É diferente, por exemplo, do islamismo que tem resistências doutrinárias inclusive à tradução de seus textos sagrados para uma língua não-árabe. As Ciências Sociais, de um ponto de vista não-partidário, podem aplicar seus instrumentos de pesquisas a essa situação e trazer novas vias de solução. Victor Turner foi útil à Teologia dos ritos, quando escreveu um trabalho sobre a peregrinação como um fenômeno limítrofe (GILL, 1996, p. 384 et seq.). Este trabalho teve repercussão no meio teológico como outros que abordam os condicionamentos sociais das diferentes maneiras de se praticar os ritos religiosos. No meio protestante, esse é um ponto delicado, pois, geralmente, mudança de rito é associada à mudança doutrinária e heterodoxia.

O individualismo é um outro tema que também teve, nas Ciências Sociais, sua fonte de disputas teológicas. O protestantismo e o individualismo cresceram juntos no Ocidente. A doutrina da salvação por eleição divina e o conversionismo evangélico enfatizavam a salvação individual e nela se baseavam. O Evangelho Social da virada do século XIX para o XX foi uma reação a isso, assim como os movimentos comunitários que deflagram uma produção teológica intensa na Europa, de cuja produção a obra de Bonhoeffer é apenas um exemplo. A

Sociologia foi amplamente utilizada nesses movimentos teológicos para afirmar a natureza social do ser humano¹⁵ e estudos antropológicos foram feitos para descrever a conversão coletiva de comunidades humanas tradicionais sob o efeito da obra missionária. As Ciências Sociais eram tomadas como testemunhas de que o ser humano só poderia ser compreendido socialmente, e que, portanto, o individualismo teológico era um afastamento do humano.

A doutrina do pecado individual, do arrependimento individual e que o indivíduo é “salvo”, é completamente falsa, (...) sendo, portanto, necessário uma Teologia que leve em conta e que extraia suas forças do fato de que nenhum homem pode livrar-se de estar envolvido no bem-estar dos outros seres humanos, e que apenas no bem-estar deles ele vai encontrar o seu bem-estar, e que, à parte da salvação deles, ele não será salvo (MATHER, 1968, p. 19 et seq.).

Tomamos esta afirmação como exemplo, pois foi feita por uma pessoa que se apresenta como professor de Sociologia num artigo que tem como subtítulo: “a contribuição da Sociologia para a religião cristã”. Pelo tom do texto, fica evidente ser ele um cristão que recorre à Sociologia para defender uma posição teológica¹⁶.

Diversos outros tópicos da Teologia Sistemática têm sido influenciados pelas Ciências Sociais, como a própria doutrina de Deus (“A Trindade e o Comunitarismo”), as discussões sobre o poder na estrutura eclesial à luz da sociologia marxista ou weberiana e da sociologia das organizações, para avaliar que padrão de estrutura eclesial seria mais eficaz no avanço da Igreja¹⁷. Mas, certamente, é no tópico da Teologia Aplicada ou Pastoral que a Sociologia tem sido mais empregada. Qual o efeito da proximidade com as Ciências Sociais no debate teórico da Teologia Aplicada, especialmente a Ética?

15 Ver SHEDD, R. D. *Man in Community*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1964.

16 A literatura teológica que segue esta linha de argumento é grande e inclui teólogos protestantes tradicionais e evangélicos. É difícil listá-los, pois não há, praticamente, nenhum teólogo do século XX que não tenha trazido a questão do individualismo à baila.

17 THUNG, Mady A. *An Alternative Model for a Missionary Church: an approach of the Sociology of Organization*. In: GILL, 1996, p. 339 et seq. Assim Robin GILL comenta o trabalho de Mady Thung: “movendo-se ao longo dessas linhas não familiares, Thung constrói um quadro altamente detalhado da organização eclesial, causando um conhecimento considerável tanto da teoria como da Sociologia da Religião, bem como alguns conceitos teológicos amplos”. Entretanto, a avaliação positiva de Gill se baseia numa valorização da chamada “Ciência do concreto e do empírico” com a qual a Teologia tem problema de se envolver por ser mais afeita às teorias.

Em 1972, Fritz Buri, professor de Teologia em Basel, teve um artigo seu publicado no *Journal of the American Academy of Religion*, no qual ele lamentava a situação da Dogmática (Teologia Sistemática como expressão das Escrituras) na Europa, que havia sido substituída pela “Teologia Prática”. “Em nossa situação presente, isso significa que a Teologia tem que se alinhar à Sociologia. O desafio de que a Teologia se submeta à *tutelage* da Sociologia, e não a veja mais como uma disciplina auxiliar, está lançado” (BURI, 1972, p. 304). Essas considerações expressam o clima de tensão que acompanhou a aproximação da Teologia da Sociologia em alguns contextos. O medo de uma *tutelage* fazia-se acompanhar de um distanciamento.

O efeito sobre a Teologia aplicada vai se diferenciar, dependendo do nível de contato da Teologia com as Ciências Sociais. Quando empregadas como instrumento de descrição do contexto social da produção teológica, as Ciências Sociais praticamente não afetam em nada a Teologia. Se o teólogo se preocupa com as “estruturas de plausibilidade” (Peter Berger) que dão sustentação às doutrinas, ele precisa dar um passo adiante e avaliar as correlações específicas entre fé e ação. Como a Teologia Aplicada tem um caráter normativo para a religião, ela só pode recorrer às Ciências Sociais até um certo ponto,

pois estas não se preocupam com o que deveria ser mas com o que é. Porém, num nível mais elevado de interação, a Teologia está em melhores condições de avaliar criticamente os efeitos mútuos entre ação e fé, e as Ciências Sociais estão melhor equipadas para perceber as conseqüências sociais dessa relação.

No nível instrumental, as Ciências Sociais contribuem superficialmente para o papel prescritivo da Teologia Aplicada. Barth e Schleiermacher, por exemplo, viam a Teologia Prática essencialmente como uma disciplina prescritiva, porque seu objetivo primordial era equipar o pregador com as ferramentas corretas para a pregação. A Sociologia tem um papel ancilar e, para Karl Barth em especial, a Sociologia era uma “ferramenta útil” (GILL, 1996, p. 320). Neste nível, não existe a possibilidade de um relacionamento integral das Ciências Sociais com a Teologia. No máximo, a Sociologia serve “para avaliar as características societais das situações que envolvem dilemas morais” (Idem, p. 323). Para ocorrer um relacionamento interacional e dialógico na Teologia prática, a ética teria que ser vista sob nova perspectiva, isto é, não dada cabalmente pela revelação religiosa, mas construída em conjunto com a sociedade.

Apesar de tão maçada pelas Ciências Sociais, a Teologia da Libertação não deu passos mais ousados no

aprofundamento desses níveis. Parece que a tarefa de relacionar a Teologia com as Ciências Sociais, graus de modo mais profundo, ainda é uma tarefa que se encontra no horizonte dessas disciplinas.

Teologia Bíblica

São clássicas as distinções feitas por Max Weber, e ampliadas por Pierre Bourdieu, entre o profeta, o sacerdote e o feiticeiro¹⁸. O profeta, nesta classificação, tem um papel revolucionário e renovador na religião e, por isso, geralmente está em oposição ao sacerdote que representa a “rotinização do rito”. Nas religiões antigas, o papel dos profetas e adivinhos ia deixando de ser preponderante, na medida em que as religiões sistematizavam sua fé e regularizavam os ofícios religiosos.

Na religião judaica, no entanto, o profeta sempre teve prestígio entre o povo, mesmo quando perseguido pelos líderes político-religiosos. Isso se deve ao fato de, diferentemente dos adivinhos de outras religiões, o profeta judeu não ter reduzido sua atividade a previsões mági-

cas do futuro. Certamente, as previsões aconteciam mais como conseqüência da análise da situação sociorreligiosa do povo do que de uma adivinhação.

Dessa forma, os profetas do Velho Testamento desempenhavam um papel que encontra uma série de paralelos com a atividade moderna do cientista social¹⁹. Essa aproximação conceitual serviu de incentivo aos adeptos do Evangelho Social a pôr em prática uma sociologia que mais se adequaria a um exercício de denúncia social do que a uma ciência da sociedade. Esse esforço foi levado com tal seriedade, que provocou a fundação de departamentos de Sociologia nas universidades americanas. Para alguns cientistas sociais, como D. G. Hart (1999), esse surgimento da Sociologia nos Estados Unidos foi algo um tanto apressado.

Além deste efeito imediato, a aproximação da figura do cientista social com a do profeta bíblico levou os teólogos a enfocarem os problemas das sociedades antigas, denunciados pelos profetas, sob uma perspectiva histórico-sociológica, para melhor compreender os textos bíblicos. Por cerca de cento e cinquenta anos, os estudiosos da Bíblia vêm apoiando suas análises dos textos bíbli-

18 WEBER, 1974; p. 294-310 e BOURDIEU, P. Gênesis e Estrutura do Campo Religioso. In: *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987. p. 27-98.

19 SKINNER, John. *Jeremias: profecia e religião*. (Traduzido e prefaciado por Rubem Alves). São Paulo: ASTE, 1966. p. 15.

cos na Antropologia Social. Com isso, as interpretações caem, muitas vezes, nas armadilhas de teorias obsoletas, como “mentalidade primitiva”, distinções teóricas entre tribos, clãs e grupos, evolucionismo funcionalista e sistemas patriarcais. A variedade de interpretações reflete a variedade de teorias antropológicas que norteia os diferentes teólogos. No conjunto, o resultado é a ampliação considerável do entendimento dos costumes relatados, como, por exemplo, o sacrifício, o culto, o nomadismo, o “federalismo das tribos”, dentre outros.

A ligação da Antropologia com os estudos teológicos da Bíblia era tão estreita no começo da disciplina que o benefício do desenvolvimento foi mútuo. Por exemplo, o termo “tribo”, que veio a ser um conceito antropológico importante, surgiu em inglês como tradução da Bíblia. Pode-se citar também o freqüente uso de relatos trazidos por missionários e até de pesquisas estimuladas por interesse exegetico da Bíblia. É o caso dos estudos de Carsten Niebuhr, feitos entre 1772 e 1778, no Oriente próximo, com o financiamento do rei Frederico V da Dinamarca, cuja finalidade era conhecer a flora e a fauna de áreas e observar os beduínos, com vistas à compreensão dos costumes bíblicos²⁰.

Como no caso da Teologia Sistemática, vamos tomar o exemplo de um estudioso que representa, em sua atividade intelectual, a aproximação da Teologia com as Ciências Sociais: William Robertson Smith. Pastor escocês reformado, dedicou-se ao estudo dos povos semitas numa perspectiva antropológica e sob uma teoria evolucionista. Seu artigo sobre a Bíblia na *Encyclopedia Britannica*, em 1875, causou furor na hierarquia religiosa, resultando em sua demissão da Cadeira de Hebraico da Universidade de Aberdeen. “O tratamento antropológico da religião dado por Smith, e que foi exposto em suas *Conferências sobre a religião dos Semitas* (1889), tenta reconciliar relativismo e teoria evolutiva com sua adesão ao cristianismo protestante” (TURNER, 1991, p. 43).

Durante toda a sua vida, Smith tentou transitar no ambiente religioso, carregando consigo suas habilidades como antropólogo. A obra de Smith destacou-se pelo rigor na pesquisa de campo, coisa que até então – com poucas exceções – não tinha sido feita com a devida atenção. Também é digno de destaque o desenvolvimento que deu ao pensamento social:

As questões que Smith levanta e as respostas que servem de suporte a seus argumentos nos dizem muito sobre

20 ROGERSON, J. W. *Anthropology and the Old Testament*. Atlanta: John Knox Press, 1979. p. 20.

como os vitorianos viam o mundo. O século XIX gestou o pensamento antropológico atual, e nenhuma visão lúcida da antropologia contemporânea pode negligenciar as forças e fraquezas dos pais fundadores da era vitoriana. Várias das teorias apresentadas [por Smith] em suas conferências tiveram profunda influência na obra daqueles que vieram depois dele. Sua obra influenciou uma gama ampla de antropólogos, sociólogos, psicólogos e teólogos. No entanto, mesmo se considerássemos somente dois desses homens, Durkheim e Freud, eles teriam tal estatura que seu uso das teorias de Smith contariam como razão suficiente para nossa tentativa de apreciar e reavaliar a sua obra (BEIDELMAN, 1974: 28s).

A sociologia dos tempos bíblicos teve um desenvolvimento extraordinário no século XX. Com relação ao

Velho Testamento, destacou-se a obra de Norman K. Gottwald²¹. Em *As Tribos de Iawe*, ele se propõe a fazer uma exegese sociológica, isto é, indicar a formação social na sua totalidade para destacar o lugar da ideologia e da fé religiosa como manifestação do todo e do dinamismo global da formação social. Gottwald amplia as consequências da aplicação da Sociologia à compreensão do Velho Testamento e da história do Israel antigo. Desde as análises literárias de século XIX e das descobertas dos manuscritos do Mar Morto nos anos 1940, a exegese bíblica não sofria tamanho impacto.

O Novo Testamento também foi alvo de uma proliferação de estudos sociológicos²². Destacamos a obra

21 *All the Kingdoms of the Earth*. New York: Evanston, 1964; *As Tribos de Iawe: uma Sociologia da Religião do Israel Libertado*. São Paulo: Paulinas, 1986; *Introdução Sócio-Literária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulinas, 1988.

22 Alguns exemplos: JUDGE, E. A. *The Social Patterns of the Christian Groups in the First Century*. Wheaton: Tyndale, 1960. THEISSEN, G. *Sociology of Early Palestinian Christianity*. Philadelphia: Fortress, 1977; do mesmo autor: *Sociologia do Movimento de Jesus*. São Leopoldo/Petrópolis: Sinodal/Vozes, 1989; e *Estudios de Sociologia del cristianismo primitivo*. Salamanca: Sígueme, 1985. GAGER, John G. *Kingdom and Community: The Social World of Early Christianity*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1975. GRANT, Robert. *Early Christianity and Society*. New York: Harper & Row, 1977. HENGEL, Martin. *Judaism e Hellenism*. Philadelphia: Fortress Press, 1974a2 v.; e *Property and Riches in the Early Church*. Philadelphia: Fortress Press, 1974b. MALHERBE, Abrahan J. *Social Aspects of Early Christianity*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1977. NOCK, Arthur D. *Early Gentile Christianity*. New York: Harper & Row, 1964. SHERWIN-WHITE, A. N. *Roman Society and Roman Law in the New Testamen*. Landon: Oxford, 1963. DUMORTIER, F. *La patrie des premiers chrétiens*. Paris: Les éditions ouvrières, 1988. Nos artigos seguintes, está esboçada a história da exegese sociológica: KECK, Leander E. *On the Early Christians* JAAR, 1974, 42, p. 435-52. SCROGGS, Robin. *The Sociological Interpretation of the New Testament: The Present State of Research*, 1980, NTS 26, p. 164-79. SMITH, Jonathan Z. *The Social Description of Early Christianity*. *Religious Studies Review*. 1975, p. 119-25.

de Wayne A. Meeks²³ como representante ilustrativo da exegese sociológica do Novo Testamento. A intenção desse tipo de exegese é compreender as idéias à luz da sociedade humana em que elas surgem. Para compreender o cristianismo do primeiro século, é preciso, segundo Meeks, “entender o mundo social dos primeiros cristãos” (1983, p. 2). Para isso, ele descreve este contexto social, destacando “o mundo urbano”, a posição social, a formação da “*ekklesia*”, o governo, a liturgia e os modelos de crença e de vida.

A exegese sociológica, tanto do Velho como do Novo Testamento, forneceu material abundante para todos os teólogos que procuraram base para as posturas sociais progressistas por parte da Igreja Cristã, especialmente a Teologia da Libertação. A Teologia Cristã, Sistemática ou Bíblica, como prática acadêmica, funciona como uma mediadora entre as Ciências Sociais e a religião. Muitas vezes, a Teologia interage com mais facilidade com o mundo da ciência do que com o mundo religioso ao qual está vinculada. David Steindl-Rast, em seu diálogo com Fritjof Capra, fez esta distinção entre religião e Teologia em termos de linguagem:

A linguagem religiosa é a linguagem da poesia. A linguagem da teologia não é poesia; é a linguagem da filosofia. Você quase poderia dizer que a experiência religiosa se expressa em poesia, e que a teologia é a sua crítica literária (CAPRA, 1998, p. 142).

Devido a essa diferença de linguagem, o teólogo, muitas vezes, não consegue comunicar-se com os fiéis de seu grupo religioso. A relação entre ciência e religião só se dá num sentido muito amplo, quando se focaliza a prática teológica. Os cientistas sem vinculação religiosa tendem a ver os teólogos como uma categoria a mais de agente religioso. Os religiosos, sem uma prática teológica formal, tendem a ver os mesmos teólogos como intelectuais mais próximos da cultura acadêmica e científica do que como religiosos iguais a eles.

A Teologia no meio religioso não é produzida exclusivamente nas instituições teológico-acadêmicas. Ela também é produzida na pregação, no culto, nas instruções e até nos contatos informais cotidianos dos fiéis. No entanto, há distinções em grau de sofisticação e no resultado final da Teologia como empreendimento realizado com o rigor metodológico dos especialistas e a Teologia

23 *The First Urban Christians: the Social World of the Apostle Paul*. London: Yale University Press, 1983. (Existe uma tradução para o português da Editora Paulinas, 1997).

espontânea dos fiéis. Esta última aproxima-se mais do processo de exteriorização na construção social da realidade por meio da “conversação”, e, em especial, na constituição do dossel sagrado.²⁴ Tanto uma como a outra forma de fazer Teologia é um trabalho racional e, portanto, sujeito aos benefícios e armadilhas da razão (Racionalização Fechada versus Racionalidade Aberta): “a desconfiança que existe, em relação ao mistério, explica-se unicamente pelo hábito de só se considerar a religião sob o aspecto da racionalidade, hábito existente em grande parte da característica dogmática que se revela no ensino teológico, na pregação, no culto e instrução” (OTTO, 1985, p. 60).

A distinção entre Teologia profissional e Teologia espontânea é equivalente à distinção entre Teologia e religião. Por ser um metadiscorso religioso, a Teologia está muito mais bem situada no modo de pensamento lógico-racional do que a religião como experiência e prática. Isso pode ser um obstáculo à interação por conta de um certo excesso de acomodação. Com isso, ela se aproxima com mais facilidade da ciência em geral e das Ciências Sociais em particular²⁵.

Robin Gill, no livro *Theology and Sociology*, sugere três abordagens distintas da Sociologia à Teologia: no estudo do contexto social no qual a Teologia é produzida; no estudo dos determinantes sociais da Teologia e no estudo da consequência social da Teologia. Na segunda, com o uso das técnicas da Sociologia do Conhecimento, podem-se estudar as formas pelas quais diferentes posturas teológicas estão correlacionadas a diferentes estruturas sociais; e, na terceira, “uma rede complexa de interações entre Teologia e sociedade emerge ... a qual, em combinação com a segunda, permite ver o papel da Teologia na sociedade” (GILL, 1996, p. 147 et seq.).

Qualquer forma de classificar as abordagens possíveis das Ciências Sociais à Teologia como a citada acima, inclui uma gradação que vai de um uso ancilar até uma interação crítica e potencialmente dialógica. Além dessas abordagens explícitas, existem as relações subliminares que ocorrem devido à formação científico-social do teólogo ou da formação teológica do cientista social, ou do mar de significantes da cultura que foram formados com base em uma ou em outra atividade.

24 BERGER, P. et LUCKMAN, T. *Construção Social da Realidade*. Petrópolis: Vozes, 1985. BERGER, P. *O Dossel Sagrado*. São Paulo, 1985.

25 Embora não com o mesmo grau de facilidade dependendo da ciência. Por exemplo, a Teologia evangélica lida mais tranquilamente com a Psicologia do que com a Sociologia, por conta da longa tradição de formação pastoral com recursos da Psicologia (GILL, 1996, p. 360 et seq.).

A posição ambivalente do teólogo como religioso e acadêmico, coloca-o em condições mais favoráveis para o diálogo com as Ciências Sociais, mas deixa-o em desvantagem ao repassar o produto dessa conversação ao grupo religioso ao qual está ligado. Pode-se dizer que ciência e religião estão interagindo, quando se observa a produção dos teólogos, embora ainda falte uma etapa importante para que essa interação encontre terreno no mundo religioso mais amplo: a aterrissagem no cotidiano religioso.

O teólogo cristão, ao se aproximar das Ciências Sociais, está correndo o risco de fazer recair sobre si a suspeita que muitos cristãos cultivam para com os cientistas sociais. O contato com as Ciências Sociais, de modo mais profundo do que mera *ancilla* ou técnica, trará marcas na vida e no pensamento do teólogo, com as quais terá de lidar dialogicamente. O depoimento dado pelo teólogo Gregory Baum sobre seu trabalho: *Religion and Alienation: a Theological Reading of Sociology*, escrito em 1975, é típico:

Eu estava interessado em sociologia principalmente porque não conseguia entender por que a Igreja Católica, a despeito da boa vontade do clero e dos leigos e o extraordinário evento institucional do Vaticano II, tinha sido incapaz de se mexer e adotar o novo estilo de cato-

licismo esboçado nos documentos conciliares. Eu pensava que a sociologia, como uma indagação sistemática da sociedade, seria capaz de me dar uma resposta a esta questão. Mas o que eu não esperava era a profunda influência que o estudo da sociologia teria sobre todo meu pensamento teológico. Convenci-me de que a grande literatura sociológica dos séculos XIX e XX registra as percepções e sabedorias humanas tanto quanto os escritos filosóficos, e que se deveria ter um lugar especial na educação de filósofos e teólogos (GILL, 1996, p. 9 et seq).

A relação dos teólogos com as Ciências Sociais está sujeita à mesma tensão que existe entre a disjunção e a dialógica como padrões opostos de relacionamento. Se o teólogo opera num padrão disjuntivo, ele vai rejeitar qualquer interação e circunscrever seu trabalho ao dogma religioso, ou, então, fará uma das duas opções: acomodar-se às Ciências Sociais, produzindo uma espécie de ciência socioteológica, ou tomar emprestado das Ciências Sociais apenas informações pontuais, úteis a seu labor teológico. Neste último caso, o teólogo reedita uma espécie de imperialismo teológico brando ao se apropriar das Ciências Sociais de modo ancilar.

Um uso instrumental mostrou-se frágil, por exemplo, quando se deu a aproximação da Teologia com a Sociologia do Conhecimento. O próprio Mannheim havia questionado um uso “beligerante” da Sociologia do

Conhecimento, pois a tentativa de reduzir todas as idéias aos seus condicionamentos sociais acabaria voltando-se sobre a própria Sociologia do Conhecimento. Isso levou o teólogo Edward Schillebeeckx a propor “uma compreensão mais interacionista do papel da Sociologia frente à Teologia” (GILL, 1996, p. 5).²⁶

Ao interagir, crítica e dialogicamente, com as Ciências Sociais, o teólogo cristão terá, por sua vez, de renunciar sua posição cômoda de considerar sua religião um santuário protegido de críticas. Desse modo, “as Ciências Sociais poderiam desempenhar um papel importante de autocompreensão crítica dentro da Teologia” (GILL, 1996, p. 145), desde que a consciência de que nem tudo se explica teologicamente não leve ao extremo de se supor que tudo pode ser explicado sociologicamente.

O grande perigo numa relação não-dialógica da Teologia com as Ciências Sociais é o desenvolvimento de um hiperdualismo. Isso pode ocorrer quando, ao falar da Igreja, o teólogo pretenda aplicar as Ciências Sociais para a face humana, terrestre e “pecadora” da Igreja, enquanto a Teologia serviria para ele refletir, de uma forma neognóstica, no seu lado celestial e imaculado. Esta é

uma forma disjuntiva que, às vezes, se esconde subterraneamente na relação entre a Teologia Cristã e as Ciências Sociais. O fato de existirem linguagens distintas e princípios epistemológicos distintos não significa que existam realidades distintas.

Referências bibliográficas

- BATESON, Gregory. *Una unidad sagrada: Pasos ulteriores hacia una ecología de la mente*. Traduzido por Alcira Bixio. Barcelona: Gedisa, 1993.
- BEIDELMAN, T. O. W. *Robertson Smith and the sociological study of religion*. Chicago: University of Chicago, 1974.
- BERGER, Peter. *Sociology and Ecclesiology*. In: MARTY, Martin E. *The place of Bonhoeffer: problems and possibilities in his thought*. New York: Association Press, 1962.
- BURI, F. *The reorientation of theology in the light of the challenge from Sociology*. *Journal of the American Academy of Religion*, v. 40, n. 3. Montana: The University of Montana, Sept., 1972.
- CAPRA, Fritjof. *Pertencendo ao Universo: explorações nas fronteiras da ciência e da espiritualidade*. São Paulo: Cultrix/Amara, 1998.
- DOMBROWSKI, J. *The early days in Christian Socialism in America*. New York: Columbia University Press, 1936.

26 As fraquezas da Sociologia do Conhecimento como instrumento suficiente para o estudo da noosfera (noologia) já foi apontada por Edgar Morin e discutida no capítulo referente à interação dialógica. A proposta de Mannheim, conforme exposta acima, depende da boa vontade do sociólogo ou do teólogo, mas não fez parte constituinte da teoria, o que não a invalida, porém aponta para uma visão mais ampla como a da complexidade.

DROOGERS, A. *Ciências da religião*. São Leopoldo: Faculdade de Teologia da IECLB, 1984. (Polígrafo)

GARRETT, Theological Seminary. *The Story of Research in Sociology of Religion: 1929-72*. Evanston: Bureau of Social and Religious Research, 1972.

GILL, Robin (ed.). *Theology and Sociology: a Reader*. London: Cassell, 1996.

HART, D. G. *The University gets religion: Religious Studies in American Higher Education*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999.

MATHER, W. G. The involvement of Society in the religious decision: a contribution os Sociology to the Christian religion. In: *Zygon*, v. 3. Chicago: The University of Chicago Press, 1968.

MATURANA, Humberto; VARELLA. *A Árvore do Conhecimento*. Campinas: Editorial Psy II, 1995.

MEEKS, Wayne A. *The First Urban Christians: the Social Wold of the Apostle Paul*. London: Yale University Press, 1983. (Existe uma tradução para o português da Editora Paulinas, 1997).

MORIN, Edgar. *Sociologia: a sociologia do microsocial ao macroplanetário*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1994.

OTTO, Rudolf. *O sagrado*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.

SWATOS, William H., Jr. (ed.). *Religious Sociology: Interfaces and Boundries*. New York: Greenwood Press, 1987.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *Yo me explico*. Madrid: Taurus, 1968.

TURNER, Brian. *Religion and social theory*. London: SAGE, 1991.

WEBER, Max. *Ensaios de Sociologia e outros escritos*. São Paulo: Abril, 1974.

Cadernos Teologia Pública: temas publicados

- Nº 1 – *Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI* – Johan Konings, SJ
- Nº 2 – *Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista* – Maria Clara Bingemer
- Nº 3 – *A Teologia e a Origem da Universidade* – Martin N. Dreher
- Nº 4 – *No Quarentenário da Lumen Gentium* – Frei Boaventura Kloppenburg, O. F. M.
- Nº 5 – *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner* – Érico João Hammes
- Nº 6 – *Teologia e Diálogo Inter-Religioso* – Cleusa Maria Andreatta
- Nº 7 – *Transformações recentes e prospectivas de futuro para a ética teológica* – José Roque Junges, SJ
- Nº 8 – *Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos* – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- Nº 9 – *Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões* – Rudolf Eduard von Sinner
- Nº 10 – *O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso* – Michael Amaladoss, SJ
- Nº 11 – *A teologia em situação de pós-modernidade* – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- Nº 12 – *Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema* – Pedro Gilberto Gomes, SJ



Orivaldo Pimentel Lopes Júnior (1957) é natural de Vitória/ES. É membro do Grupo de Estudos da Complexidade (GRECON), pastor da Igreja Batista Viva, Natal-RN e coordenador da Fraternidade Teológica Latino-americana – NE. Desde 1994, é professor e coordenador do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Curvou Teologia na Faculdade Teológica Batista de São Paulo (FTBSP), 1979, e Letras na Universidade Potiguar (UNP), 2002. É mestre em Teologia, pelo Seminário Batista do Sul (STBSB), Rio de Janeiro/RJ, 1984, e doutor em Ciências Sociais, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), 1992. Sua tese de doutorado intitula-se *A Conversão ao Protestantismo no Nordeste*.

Publicações:

Ciência e Espiritualidade. In: ALMEIDA, M. da Conceição et alii. (org.). *Polifônicas Idéias: por uma ciência aberta*. Porto Alegre, 2003, p. 313-17.

A cidade e seus dilemas. In: SILVA, Serguem Jessui Machado da. (org.). *Modelo de Intervenção Social no Contexto Urbano*. Belo Horizonte, 2003, p. 23-32.

Ciências do Dialógico, *CRONO*. Natal, v. 2, n. 2, p. 47-54, 2002.

A ação social da igreja. Revista *Palavra e Vida*, Rio de Janeiro, p. 36-9, 2002.

A Conversão ao Protestantismo no Nordeste do Brasil. In: SILVA, Lurdes Marques (ed. e org.). *Dynamiques Religieuses en Lusophonie Contemporaine*. Paris, 1999, p. 291-309.